

EMPREENDEDORISMO FEMININO

MULHERES COM PODER DE INSPIRAR OUTRAS MULHERES



© EDITORA GREGORY, 2018

DIREÇÃO EDITORIAL
REGINA GREGÓRIO

CAPA E PROJETO GRÁFICO
DOUGLAS GREGÓRIO

DIAGRAMAÇÃO
DOUGLAS GREGÓRIO

REVISÃO GRAMATICAL E ORTOGRÁFICA
DÉBORA DOS SANTOS CINTRA ANTUNES
FERNANDA RIZZO

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
COMPARTILHAR & CRESCER

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

E46

Empreendedorismo feminino : mulheres com poder de inspirar outras mulheres /
Andressa Cunha ... [et al.]. - 1. ed. - São Paulo : Gregory, 2018.
226 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-8381-184-8

1. Empreendedorismo. 2. Criatividade nos negócios. I. Título.

18-50138

CDD: 658.421

CDU: 005.411

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

01/06/2018 08/06/2018

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor e da editora. A violação dos Direitos Autorais (Lei n.º 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Copyright © Editora Gregory.



Rua: Lázaro José Gonçalves, 239 – Jd. Avelino.

03227-060 – São Paulo/SP

Telefone: (11) 4508-2048

E-mail: editorial@editoragregory.com.br

Sites: www.editoragregory.com.br / www.livrariagregory.com.br

INTRODUÇÃO

Mulheres e o Empreendedorismo

O momento para as empreendedoras parece ser mais promissor do que nunca. Elas estão conquistando cada vez mais o espaço e ganhando impulso - e isso é muito bom! Não só para as mulheres, mas para a sociedade como um todo.

O empreendedorismo feminino tem aumentado sua representatividade e inovado as formas de trabalho. Com a atuação das mulheres, surgem, também, novas oportunidades e desafios a serem explorados nos negócios. Na mesma medida em que as empreendedoras contribuem para o desenvolvimento do país, elas investem, do mesmo modo e com toda força, na educação de suas famílias; possibilitando, assim, o crescimento de mais pessoas.

O progresso do empreendedorismo feminino tem funcionado como ferramenta transformadora para capacitar, conectar e inspirar outras mulheres.

O livro é uma seleção de histórias de empreendedoras das mais diversas áreas, que contam como foi e como está sendo a sua trajetória profissional, como decidiram arriscar e abrir seu próprio negócio. Elas relatam que tirar as ideias do papel e começar a empreender não é uma tarefa fácil. É preciso muito fôlego! No entanto, apesar de condições adversas, a força feminina mantém, tenazmente, a continuidade do empreendimento e o resultado é sempre recompensador. A Editora Gregory dedica este livro a todas as mulheres que não criam *limites para si mesmas, que vão longe quanto suas mentes permitirem.*

Vale a pena conhece-las!

Regina Gregório

Não basta ensinar ao homem uma especialidade porque ele se tornará assim, uma máquina utilizável, mas não uma personalidade. É necessário que adquira um sentimento, um senso prático daquilo que vale a pena ser empreendido, daquilo que é belo, do que é moralmente correto. A não ser assim, ele se assemelhará, com seus conhecimentos profissionais, mais a um cão ensinado do que a uma criatura harmoniosamente desenvolvida.

Albert Einstein

PREFÁCIO

Empreendedorismo feminino e mercado de trabalho

A mulher empreendedora e líder não é mais uma realidade distante como a que existia há alguns anos. O mercado de trabalho tem mudado para melhor e isso tem aberto espaço para o crescimento da ascensão feminina.

O caminho para o sucesso nem sempre é fácil. É preciso muita dedicação e força de vontade para alcançar o topo. Já estive e estou à frente de muitas marcas, mas uma em particular me remete bem ao assunto deste artigo. Nos anos 90, quando criei a PH Arcangeli, me tornei a primeira mulher em 180 países a trabalhar com a distribuição de uma famosa marca de cosméticos francesa. Não foi nada fácil! Muitos duvidaram da minha capacidade profissional, pelo simples fato de eu ser mulher. Porém, isso tudo só me fez batalhar mais e quebrar os preconceitos para mostrar que ser um bom profissional não depende de gênero.

A mulher tem milhares de vantagens. Eu diria que eu não sou nem feminista nem machista. Na verdade, os homens e as mulheres tem diferenças biológicas. A mulher tem milhões de sensibilidades, que o homem, geralmente, não tem; e o homem tem um olhar prático, que a mulher, normalmente, não tem.

O mercado de trabalho, o ambiente de trabalho, a empresa que você trabalhar, tem que ser gênero inteligente, usar essas diferenças biológicas para o bem comum e para atingir a meta da melhor forma. A mulher vai pensar de uma forma, o homem vai pensar de outra e, no final, eles se complementam. As pessoas têm que trabalhar juntas, cada um com sua experiência, sua expertise, sempre agregando para a companhia. Assim, as empresas saem ganhando e as pessoas também.

Um dos grandes desafios que eu percebo no desenvolvimento do empreendedorismo feminino é a falta de conhecimentos em como gerir um negócio. Um estudo nos Estados Unidos apontou que o número de empresas femininas que fecham antes dos quatro anos é de 66%. No Brasil, apesar de não ter um estudo como esse, imagino que o número seja bem semelhante. E eu sei disso, porque vivi isso. Quando comecei não tinha o menor controle sobre o meu estoque. Isso parece

muito simples, mas na hora, você está perdida, sem saber o que fazer, e isso pode atrapalhar bastante no crescimento do negócio.

Quando procurei conhecer novos negócios para orientá-los na minha web-série *Pulo da Gata*, vi que essa também era a realidade de muitas empreendedoras iniciantes, principalmente, quando a maioria precisa conciliar empresa, casa e família. Conheci mulheres que não sabiam fazer custo de produção, fazer estoque, vender o produto, e esses são passos essenciais para manter um negócio.

É fundamental que a mulher empreendedora busque sempre por inovação e conhecimento, principalmente noções de gestão. São esses fatores que vão levá-las a sair da fase da ideia para a fase da execução bem planejada de um negócio.

Cris Arcangeli

Cristiana Arcangeli é empresária, apresentadora e palestrante. Atua no mercado de beleza, bem estar e de alimentos funcionais. Empreendedora serial é criadora de cinco empresas: Phytoervas, Phyta, PH – Arcangeli, Eh e atualmente é CEO na beauty'in e sócia do Fundo de Investimento Phenix. É também conselheira da Endeavor e diretora do CJE da FIESP. É a Apresentadora feminina do programa Shark Tank no Canal Sony e Consultora de beleza e qualidade de vida multimídia.



Contatos
contato@crisarcangeli.com
www.crisarcangeli.com



AS EMPREENDEDORAS

<i>Adriana Coyado</i>	8
<i>Ana Borges</i>	22
<i>Ana Paula Guedes</i>	32
<i>Andressa Cunha & Maria Alice</i>	38
<i>Bruna Lofego</i>	50
<i>Carina Arruda</i>	60
<i>Fernanda Aoki</i>	72
<i>Gabriela Lanna de Carvalho Siqueira</i>	88
<i>Ivone Ferraz</i>	100
<i>Juliana Frare</i>	108
<i>Karoliny Buhcool Albuquerque</i>	124
<i>Kathia Zanatta</i>	132
<i>Larissa Fin</i>	140
<i>Lilian Figueiredo Geraldo Custódio</i>	146
<i>Luzia Costa</i>	160
<i>Marcela Prado</i>	166
<i>Nancy Vettorazzo</i>	180
<i>Patrícia Grossi</i>	184
<i>Priscila Biella</i>	192
<i>Rosilene Santos</i>	202
<i>Talita Lombardi</i>	216

ADRIANA COYADO

Coach e Mentora de Empreendedoras e Fundadora da Despertando Borboletas. Sou formada em Ciências da Computação pela Unesp - Rio Claro, Pós-graduada em Engenharia de Software pelo IBTA e membro da Sociedade Brasileira de Coaching. Atualmente, assessoro mulheres a construir negócios com propósito, que nascem do autoconhecimento e da transformação de mindset.



Contatos

<http://despertandoborboletas.com.br/>
adriana@despertandoborboletas.com.br



TUDO O QUE VOCÊ PRECISA ESTÁ DENTRO DE VOCÊ!

Sou Adriana Coyado e estou muito feliz e grata por poder compartilhar a minha jornada com você! Fiquei pensando em como poderia conduzir este texto, se usaria um estilo mais formal ou não. Na verdade, meu desejo é que a leitura pelas próximas páginas seja tão agradável quanto um bate-papo gostoso com uma amiga em uma cafeteria charmosa e acolhedora. Sendo assim, decidi deixar as formalidades de lado e tocar nossa conversa de forma mais descontraída.

Há quem diga que empreendedores já nascem sabendo empreender: são, de fato, corajosos, arrojados, expansivos, tolerantes a riscos, cheios de atitude, etc. Bom, pode ser que existam pessoas assim, mas eu nasci na contramão disso!

Sempre fui uma criança muito quietinha. Na escola, quase não tinha amigos. Tenho minhas próprias recordações brincando sozinha, ao lado da “tia”, durante o recreio; mas, para mim, estava tudo bem. Pelo fato de ser sossegada, acabava sendo alvo de bullying, o que fez com que eu permanecesse em meu canto, sem fazer muitos amigos.

De certa forma, isso contribuiu para que eu mantivesse o foco nos estudos. Em todo o tempo era disciplinada e comprometida com as aulas e lições de casa. Desde pequena meu pai me ensinou a importância da educação, de investir nos estudos e no desenvolvimento da mente. Ele sempre trabalhou muito para garantir nossa educação (minha e do meu irmão) e dizia que esse seria o maior legado que poderia deixar – e ele reforça isso até hoje. Uma das minhas maiores realizações era quando meus pais voltavam orgulhosos da reunião falando que as professoras me elogiaram e que minhas notas estavam ótimas!! Isso me motivou a sempre ser muito engajada nos estudos.

Pelo fato de ser mais tranquila, estudiosa e um desastre nos esportes, nunca consegui entrar para o grupo das meninas mais populares; mas, tinha, sim, algumas amigas. Dentre elas, eu era aquela procurada para desabafar, ajudar nos estudos e a compreender melhor algumas coisas da vida (relacionamento com os pais, com os menininhos de quem elas gostavam, etc.). Ou seja, ao invés de ser a popular, acabava assumindo o papel da acolhedora. Isso me deixava muito frustrada na época da adolescência; pois, o que mais queria era ser aceita no grupo das populares! Olhando para trás, percebo o quanto deixei de reconhecer o meu

próprio valor pelo simples fato de preferir focar em tudo aquilo que eu não era, em tudo o que não tinha, no grupo ao qual não fazia parte.

Anos mais tarde, toda a minha disciplina e comprometimento com os estudos renderam um resultado que nem eu esperava: passei no vestibular de duas universidades públicas. Sério, eu não esperava isso! Como não conhecia ninguém que tivesse cursado uma universidade pública, tinha a crença de que os vestibulares eram apenas fachada e que, na verdade, apenas pessoas de influência conseguiam garantir uma vaga. Por mais que essa crença fosse meio maluca, de certa forma ela me ajudou a não me sentir pressionada e a ter controle emocional durante as provas, o que também foi fundamental para o meu bom desempenho.

Lembro como se fosse hoje quando minha mãe ficou sabendo que eu tinha passado para a segunda fase de um dos vestibulares! Ela ficou descontrolada, dando pulinhos de alegria! Meu pai chegou do trabalho bem nesse momento e ela nem o esperou entrar para contar: ela abriu a janela da sala e começou a gritar enquanto ele ainda estava abrindo o portão! Passar para a segunda fase, para mim, ainda não significava muita coisa; pois, tinha a prova mais difícil pela frente. No entanto, ver a alegria dos meus pais fez valer todos os anos de dedicação aos estudos.

Não sei o que teria acontecido caso não conseguisse ingressar. Não tínhamos recursos, na época, para arcar com os custos de uma universidade particular ou um cursinho. Essa conquista demonstrou para mim que não importa de onde você veio ou quais são as suas condições, **você tem o poder de aprender e desenvolver qualquer competência ou habilidade, desde que tenha a disciplina de praticar todos os dias!**

Uma das minhas maiores alegrias quando cheguei na faculdade foi descobrir que ela reunia um número grande de pessoas que passaram pelo mesmo que eu na infância e adolescência: poucos amigos, muitos estudos, nenhuma popularidade e zero de desempenho nas aulas de educação física - *“Achei minha tribo!”* Não sei se o ambiente contribuiu ou se aqui eu já estava desconstruindo velhos padrões de pensamento e de onde eu escolhia focar; mas, uma das sensações que a faculdade me proveu foi a de pertencimento, a qual tanto queria quando desejava fazer parte do grupo das populares na escola!

Como precisei me mudar para Rio Claro, senti muita falta de casa. Esse vazio pôde ser preenchido pela nova família que lá construí, composta pelas meninas da República Gaiola das Loucas e da turma Ciências da Computação Noturno 2003. Foram anos de liberdade e curtição realmente incríveis; mas, também, de muito amadurecimento e responsabilidade!

Foi durante a faculdade que conheci o Diogo. Hoje, meu noivo. Nunca acreditei em amor à primeira vista ou do famoso “quando é pra ser, será”. Porém, nossa história tem nos mostrado que não foi à toa que nos relacionamos e passamos por tantos altos e baixos juntos. Desde que nos conhecemos, participamos e contribuímos mutuamente para nossa evolução como ser. Sou muito grata por tê-lo em minha vida!

Comecei minha carreira profissional como bolsista em um estágio na faculdade. Após um ano, mais ou menos, mudei para um emprego melhor e lá fiquei por um ano. Tive a oportunidade de aprender bastante sobre a tecnologia que eles usavam, além de ver de perto como funcionam as franquias, já que eu atuava na célula de TI da franqueadora.

Um belo dia, (não tão belo assim), fui demitida. Isso era uma vergonha para mim. Depois, reconheci que realmente não estava atendendo às expectativas por não conseguir conciliar tudo o que tinha de fazer. Aproveitei o fato como uma oportunidade que a vida me deu para eu ter mais tempo, conseguir me formar alguns meses antes do previsto para, então, voltar para São Paulo. Nessa época, já estava sondando alguns processos seletivos e sair da empresa era algo que, de certa forma, já estava no radar.

Concluí meu TCC e, no dia anterior à apresentação para a banca, estava com tanto medo que até passei mal. Nesse dia dormiu em casa a amiga de uma das meninas com quem eu morava. Conversamos por 10 minutos e ela me ensinou uma das lições que carrego até hoje. Ela disse assim: *“Você trabalhou meses nesse TCC, não há ninguém que o conhece melhor que você! Só vai lá e apresenta o que você fez! **Tudo o que você precisa está dentro de você!**”* Parece tão óbvio, não é? Fez muito sentido para mim!

No dia seguinte, estava empoderada! Como nunca na minha vida, fui segura e falei com firmeza! Como resultado, me tornei Bacharel em Ciências da Computação com a nota 10 no trabalho de conclusão de curso! Foi com essa mesma determinação que participei de alguns processos seletivos e entrevistas de emprego. Conquistei uma vaga em uma multinacional e voltei para São Paulo. Fiquei cerca de 2 anos e meio nessa empresa, fui subindo na carreira aos poucos até chegar num ponto do qual eu não conseguia passar e não recebia orientações do que eu precisava melhorar para ir ao próximo nível. Fiz uma pesquisa de mercado, comecei uma pós-graduação e mudei de emprego.

Ao revisitar minha história para contá-la para você, percebo o quanto fui corajosa e protagonista empreendendo minha própria carreira, embora na época eu

não tivesse consciência disso. Não sei o motivo, mas sempre acreditei e preferi me ver como medrosa e insegura ao invés de reconhecer a quão corajosa e determinada eu poderia ser quando colocava uma meta na cabeça. Era como se, inconscientemente, eu estivesse aplicando o aprendizado que tive antes da apresentação do TCC e, mesmo sem me dar conta, confiasse que **tudo o que eu precisasse estivesse dentro de mim!**

Nesse novo emprego aconteceu algo inesperado: minha habilidade de organizar e gerir minhas próprias tarefas gerou a oportunidade de coordenar um projeto e liderar uma equipe. Entrei em choque; afinal, nunca soube lidar muito bem com pessoas. Como missão dada é missão cumprida, aceitei o desafio! Mesmo insegura, tinha uma parte de mim que ficou bem feliz com o reconhecimento e confiança de meu superior e queria mostrar resultado!

Como tudo na vida, o começo foi um desastre! Sorte a minha que os membros dessa primeira equipe foram bem pacientes comigo e entenderam que eu estava em processo de aprendizagem no que diz respeito à liderança. Sou muito grata a eles! Com o passar do tempo, fui me desenvolvendo com a prática e a repetição e meu time desempenhando cada vez melhor. Mais uma vez: **você tem o poder de aprender e desenvolver qualquer competência ou habilidade, desde que tenha a disciplina de praticar todos os dias!**

Em 2012, meu gestor me deu a oportunidade de participar de um processo de Coaching como coachee (pessoa que passa pelo processo) para aprimorar ainda mais minhas habilidades como líder. Durante esse processo, além de ter iniciado minha jornada na estrada do autoconhecimento, enxerguei naquelas reuniões um método para planejarmos e alcançarmos qualquer objetivo de vida e, intuitivamente, montei um Coaching em grupo com minha equipe, cujos encontros eu chamava de Reuniões do Plano de Metas.

Funcionava assim: uma vez por semana nos reuníamos para trabalhar em projetos pessoais, totalmente desvinculados do trabalho. Algo dentro de mim dizia que, se participássemos e apoiássemos conquistas verdadeiramente importantes na vida do outro, ganharíamos força como time e, conseqüentemente, *performaríamos* melhor em nossos projetos. Foi dito e feito! Criamos uma conexão sem igual! Isso se comprovou quando alguns membros do time falaram que receberam propostas de emprego, e o que os fazia permanecer lá eram as pessoas e o clima que havíamos criado. Entretanto, como você pode imaginar, conquistar um objetivo relevante é desafiador e nem sempre apenas ferramentas de planejamento são suficientes, pois existem os tais sabotadores e as crenças limitantes. Quando entramos

nesse território, eu patinei! Não sabia o que fazer para ajudá-los e, ao conversar com meu coach, ele falou o óbvio: faltava-me conhecimento! Afinal, o que tinha em mãos para conduzir aquelas pessoas era só o que consegui identificar das ferramentas que foram usadas durante o meu processo.

Nessa época eu já estava pesquisando algum curso para fazer e, de acordo com o roteiro preestabelecido para minha carreira, certamente faria algo voltado para gestão de projetos. Ainda bem que ouvi minha intuição dizer para aguardar mais um pouco! Caso contrário, não teria disponibilidade de tempo e financeira para fazer a formação: Personal & Professional Coaching pela Sociedade Brasileira de Coaching.

Durante o período do curso, eu não apenas estudava, mas também aplicava em mim as ferramentas e técnicas. Isso me fez olhar para minhas forças, talentos e limitações. Percebi que nem dava valor para diversos dos meus pontos fortes. Pelo contrário, neguei-os por muito tempo! Comentei, anteriormente, sobre ser a popular; porém, era eu que acolhia, ouvia, trazia clareza e direcionava. Por não querer ser essa pessoa, acabei ocultando meus principais talentos e eles vieram à tona nesse período.

Logo no início, duvidei que essas habilidades seriam meus pontos fortes, claro! Em minha mente, qualquer pessoa poderia fazer as coisas que eu fazia com facilidade. No entanto, ao colocar luz em quais, teoricamente, seriam meus talentos, comecei a me observar e notei que eles não eram tão triviais assim para algumas pessoas e, quando os usava, eu me realizava! Eu entrava no tal estado de *flow*, que é aquele no qual você e a atividade se envolvem tanto que você nem percebe o tempo passar! *Se você ainda não tem clareza sobre quais são seus pontos fortes, fica aqui uma pista de como encontrá-los: certamente é algo que você faz com tanta naturalidade que talvez nem dê valor a eles. É aquilo que as pessoas falam que você faz bem e, pelo fato de fazer de maneira fluída, você nem se sente tão merecedora do elogio. É aquilo que, quando você faz, você quase não se cansa! É como se a energia que você investe na atividade voltasse para você e a retroalimentasse.*

Como uma boa nerd que sou, segui à risca o curso de formação em Coaching, que pedia uma comprovação científica após o curso. Não era obrigatório na época, mas fiz, mesmo assim. Dessa forma, não apenas apliquei as técnicas em meu time, como também fiz uns atendimentos individuais para gerar os dados da comprovação. Ao experimentar isso tudo, percebi que a atuação como coach acendeu algo dentro de mim nunca despertado antes! Dos meus atendimentos individuais, tiveram duas meninas que conquistaram resultados incríveis e, ao perceber que eu

estava contribuindo para a evolução delas, meus olhos brilharam e eu senti uma sensação de completude! Não faltava nada, ali. Estava sendo quem sou em minha essência, entrando em total estado de *flow* e tendo a realização de ajudar outras pessoas a terem mais satisfação em relação à vida. Por mais que fosse uma atuação pequena, eu me senti fazendo a diferença, cumprindo uma missão.

Cheguei, nesse instante, em minha definição de propósito de vida:

“Propósito de vida é você ser você mesma! É você se expressar no mundo através de seus talentos fazendo algo que tenha sentido para você, que seja significativo, sempre respeitando seus valores.”

Fiquei ainda mais motivada e fiz mais uma formação: Executive & Alpha Coaching, também pela Sociedade Brasileira de Coaching. Além dos estudos, seguia com os atendimentos individuais, atuando com colegas de trabalho após o expediente. Pela primeira vez, não ligava nenhum pouco de ficar até mais tarde no escritório, pois essa atuação me dava muito prazer!

Até então, a razão da minha carreira no corporativo era a mesma que a de muita gente: seguir o roteiro que me era esperado. A busca pelo próximo nível me desafiava e me motivava! A cada degrau que eu subia na carreira, eu me orgulhava e mostrava para mim o quanto era capaz. Porém, ainda faltava algo!

Eu pensava que a pecinha que me preencheria estava guardada lá no topo, nos cargos de alta liderança, mas a experiência com meus coachees mostrou que eu estava errada, que a plenitude não está condicionada a cargo, salário ou qual for a conquista. Ela pode ser vivenciada aqui e agora, no momento presente, desde que você diga SIM! SIM para você mesma, SIM para sua história, SIM para o que faz sentido para você, independente do que os outros pensam!

Eu percebi, nesse momento, que o trabalho poderia ser mais do que uma forma de você subir na carreira e obter renda, como num jogo de videogame que você vai passando de fase e ganhando troféus! O trabalho poderia ser a ferramenta através da qual você pode viver seu propósito!

Mais ou menos na mesma época em que tive essas percepções, mudanças aconteceram na equipe e no modelo de trabalho por conta da crise e eu passei a ter menos oportunidades de trabalhar com desenvolvimento pessoal; pois, a equipe se reduziu a duas pessoas, sendo eu uma delas! Percebi que o que me fez tremer na base, lá no começo, passou a ser o que dava sentido ao meu trabalho: ajudar pessoas. Nós dois tivemos de assumir os projetos que antes eram distribuídos entre a equipe e, como você pode imaginar, ficamos sobrecarregados! Como se não

bastasse a quantidade, tinha a pressão para cumprirmos os prazos do cliente que, normalmente, eram agressivos. Até o dia em que esse meu liderado disse que precisava se afastar por uns dias, por recomendação médica. O corpo dele chegou ao limite do esgotamento; pois, além do trabalho, ele descobrira que o filho precisava de atenção especial e ele estava se desdobrando para não deixar a peteca cair em nenhum dos lados. Esse fato mexeu demais comigo. Para mim, duas das coisas mais importantes na vida são família e qualidade de vida e elas estavam sendo corrompidas diante dos meus olhos pelas diretrizes corporativas, sem que eu pudesse fazer algo a respeito.

Depois desse fato, comecei a colocar as coisas na balança. Pensei: mesmo que a situação melhore e a equipe cresça novamente, qual será meu futuro aqui dentro? Visualizei-me no papel de meus superiores e não me identificava mais com aquela realidade. Passei a olhar, com mais atenção, para outras equipes e identifiquei que o impacto negativo em relação à família e saúde não acontecera só com meu liderado e, caso eu decidisse continuar na carreira, eu poderia presenciar e até ser responsável indireta por novas ocorrências. Confesso que busquei alternativas, ainda dentro da empresa, para que pudesse exercer mais meu papel como coach e até evitar novos casos de desgaste dos profissionais, mas não tive muito sucesso.

Ao acompanhar a trajetória de colegas de formação em Coaching, enxerguei a oportunidade de traçar um plano B, empreendendo-me como coach. Entretanto, o fato de enxergar a oportunidade não quer dizer que já a agarrei de primeira. Sentia que algo me impedia de dar o próximo passo.

Foi com a ajuda de minha segunda coach que consegui me desprender dessas amarras. Ela me ajudou a colocar luz em crenças e medos que me bloqueavam e sabotavam a construção do meu sonho. Por mais que quisesse, lá no fundo, acreditava não ser capaz; empreender não era para mim e negócios eram coisas de homens (o estereótipo de pessoa de negócios, em meu olhar, era um homem de negócios). Além disso, não tinha coragem para me expor e morria de medo da crítica e do julgamento. Durante esse segundo processo, pude lidar com essas questões e resgatar a mulher determinada e corajosa que fui quando decidi mudar de cidade para estudar, empreender minha própria carreira e superar o desafio de liderar uma equipe!

Por isso, sempre que você se sentir incapaz, olhe para sua história! Perceba quantos desafios já superou; quantas vezes pensou que não ia aguentar e conseguiu ser firme e forte! **A força existe aí dentro! Acredite!**

Comecei, então, aos poucos, a empreender minha carreira como coach em paralelo com minha profissão! Tomei coragem para me expor mais nas redes sociais, fiz meu primeiro site (que ficou horrível!) e postei meu primeiro vídeo (que ficou vergonhoso!); mas, uma coisa que aprendi foi: se depois de um ano você olhar para o que fez e achar que está ótimo, é porque você demorou muito tempo para fazer! Isso é muito clichê, mas não existe momento perfeito! Se você olhar para a jornada de grandes personalidades, pessoas de referência em todas as áreas, perceberá que todo mundo começou fazendo o melhor que pôde, com os recursos que tinha e, depois disso, o caminho foi se construindo.

As pessoas que sempre esperam pelo momento perfeito para agir são aquelas que normalmente não realizam nada significativo em suas vidas. Foi inspirada em pessoas que são referência para mim que eu passei a desenvolver e postar cada vez mais conteúdos que tinham a ver com desenvolvimento pessoal, além de iniciar os atendimentos online, o que me possibilitou trabalhar com pessoas fora do ambiente corporativo e de outras cidades.

Depois que passei por tudo isso, refleti sobre quantas mulheres poderiam estar na mesma situação que eu. Quantas querem fazer algo mais significativo, que as permita externar todo o seu potencial, faça seus olhos brilharem e ainda traga aquela sensação de que estão fazendo a diferença no mundo, mas acabam não fazendo por se sentirem incapazes, terem medo ou não saberem qual o primeiro passo a ser dado. Essa reflexão trouxe clareza a respeito da minha missão como coach: ajudar mulheres na transição para o empreendedorismo, trabalhando principalmente no desbloqueio de medos e inseguranças.

Quanto mais me dedicava à nova carreira, mas me apaixonava e me sentia como um peixinho fora d'água no mundo corporativo. A sensação de que não me encaixava mais na empresa passou a me incomodar mais do que os medos e inseguranças para virar a chave. Minha segunda coach me ajudou a despertar a coragem e autoconfiança para construir meu plano B, mas trocar a segurança do salário fixo para focar 100% no meu negócio ainda soava como algo bastante ousado.

Até que meu momento de virada aconteceu. Lembro-me dele como se fosse hoje! Estava em uma reunião de projeto e um especialista da área me explicava sobre a plataforma que desenvolveríamos o sistema. Por fora estava plena e presente. Por dentro eu só me questionava: *o que estou fazendo aqui?* Nesse momento, eu me dei conta do quanto não pertencia mais àquele lugar e, pior, como eu estava sendo egoísta por ocupar um espaço que não era meu! Poderia haver outra pessoa que, ao assumir aquela posição, seria muito mais feliz e realizada do que eu estava sendo.

E tudo por quê? Porque ainda estava com receio de enfrentar de vez meus medos para sair de minha zona de (des)conforto.

Poucas semanas depois, fui designada para liderar um dos projetos mais importantes do cliente. Esse projeto demandaria minha total dedicação e, se eu o assumisse, não conseguiria dar continuidade ao meu plano B, ou seja, ficaria frustrada por ter de dar uma pausa em meu negócio e frustraria a expectativa da empresa por assumir a liderança de um projeto com o qual eu não estava envolvida de corpo e alma. Tomei minha decisão um pouco antes do planejado e pedi demissão para focar 100% em meu sonho!

Não ter mais que bater ponto foi libertador e desesperador ao mesmo tempo! Foi incrível a sensação de que eu poderia flexibilizar meu horário, mas a pressão de saber que meus resultados dependiam só de mim fez com que eu não usufrísse dessa flexibilidade. Passei a trabalhar sem parar, chegando a negligenciar saúde e bem-estar, até que tive uma indisposição. Meu corpo resolveu parar por uns dias. Percebi que se não estivesse saudável mental, emocional e fisicamente, as coisas não aconteceriam! O problema maior foi que, mesmo depois de equilibrar a rotina, as coisas ainda não estavam acontecendo como eu gostaria. Fiquei triste, frustrada e até revoltada. Afinal, amava tanto o que fazia que ficava inconformada com o fato de não conseguir vender! Na minha cabeça eu pensava: *como pode as pessoas dizerem “não” para essa oportunidade?*

Com o passar do tempo, aprendi que ter um negócio não se baseia apenas em ter um produto ou serviço e uma página nas redes sociais. Além da entrega, existem outros pilares fundamentais, que são: comunicação e finanças. A parte financeira não me assustou muito; pois, sempre lidei bem com números, planejamento, etc. Inclusive, consegui me planejar financeiramente para fazer a transição para o empreendedorismo de uma maneira mais tranquila. Já a comunicação... Como eu nunca atuei na área comercial, essa parte de mim estava totalmente atrofiada! Não faltava apenas praticar, faltava conhecimento!

Negócios existem para resolver problemas das pessoas e não apenas para você poder trabalhar com o que ama. Se não houver pessoas dispostas a comprar o que você vende, seu negócio não se sustenta. Então, não basta ser apaixonada pelo que faz. O foco tem de estar no outro. Empreender é servir, é tornar a vida do outro melhor em algum aspecto. O primeiro passo para vender não é simplesmente oferecer seu produto ou serviço e sim conhecer a pessoa que você atende e saber quais são seus problemas, necessidades e desejos. Com isso, poderá avaliar se o que faz proverá a transformação desejada e terá insumos para comunicar isso a ela.

Meu grande desafio era justamente esse: comunicar o que eu fazia como a solução de um problema do meu público. Estudei muito sobre marketing, vendas e estratégia de negócios. Contudo, mesmo com as técnicas, notei que ainda ocorria certa resistência da minha parte na hora de oferecer meus serviços. Quando chegava a hora de mencionar o preço, a fala não era fluída e eu ficava com um pouco de vergonha.

Com pouco dinheiro entrando, passei a mudar meus critérios de compra: escolhia pelo menor preço e não mais pela qualidade. Um dia, já estava meio estressada e me revoltei com isso enquanto escolhia um produto no mercado. Cheguei em casa e chorei! Não me conformava com o fato de eu estar trabalhando com algo que, para mim, tem muito mais propósito e significado, e não ter a mesma liberdade de escolha que eu tinha quando trabalhava no corporativo. Depois de colocar a raiva para fora, me dei conta de que, enquanto estava me sentindo presa na escolha de um produto, havia mães sem poder optar pela escola do filho e até mulheres sem poder sair de um relacionamento abusivo pelo fato de depender do marido. Nesse momento, enxerguei o verdadeiro poder e significado do meu trabalho: através do empreendedorismo, ajudar mulheres a obter independência financeira e assim ter a verdadeira liberdade de escolha!

Não sei se compreendeu isso! O propósito de vida não é uma coisa fixa que, quando descobre, você se agarra a ele para todo o sempre. Se o nosso propósito é ser quem verdadeiramente somos fazendo algo que seja significativo e, como seres humanos, estamos em constante mudança e evolução, nosso propósito também evolui e amadurece. Faz sentido?

O fato é que quanto mais você se permite ser quem é naquilo que se propõe a fazer e quanto mais significativo for algo que faz, maior é sua força interior e sua autoconfiança. E é a autoconfiança e a convicção que você tem no valor que gera na vida das pessoas que faz o negócio acontecer e prosperar! As pessoas sentem essa autoconfiança! Elas sabem quando você tem a intenção de vender porque precisa do dinheiro ou porque deseja, de coração, que sua entrega gere um impacto positivo na vida delas. Afinal, esse impacto também é importante para você.

Adivinha em qual dos dois contextos que a venda ocorre quase naturalmente? Foi assim que comprovei que ter só a técnica e a estratégia não são suficientes. Você precisa acreditar e confiar! O reconhecimento e o retorno financeiro vêm quando você coloca boas intenções no que faz e verdadeiramente foca em impactar a vida do outro.

Todo esse aprendizado contribuiu para que eu evoluísse também os meus serviços. Identifiquei o que mais fez a diferença na minha jornada e me tornei coach e mentora de empreendedoras, ajudando-as tanto na parte emocional, como na estratégia do negócio.

Com tantos altos e baixos, é natural em dado momento você se questionar se está no caminho certo e foi o que aconteceu (e ainda acontece) comigo. No entanto, há três coisas que me mantêm em movimento, apesar de todas as adversidades:

A primeira delas é a razão pela qual decidi começar essa jornada. Percebo muitas pessoas querendo abrir um negócio para fugir de uma situação insatisfatória. O fato é que apenas fugir não é suficiente. Você precisa ter um motivo forte o bastante para tudo valer a pena. Digo isso porque aprendi que os desafios e os medos nunca acabam e condicionar a felicidade é o maior engano. Cuidado para não achar que só será feliz quando superar um desafio; for reconhecida; comprar aquele carro ou quitar o financiamento. A felicidade (e a vida) é o meio e não o fim. Quando superar um desafio, já terá outro aguardando. Quando alcançar o cargo, já almejará outro. Quando quitar o financiamento, haverá outras contas. Na vida não existe um lugar onde se chega e fala: *ufa, cheguei! Agora, é só ficar aqui confortavelmente!* A grande ideia é ter consciência do motivo pelo qual isso tudo faz sentido para você.

A segunda é a conexão com as pessoas. Sou privilegiada e abençoada por contar com o apoio das pessoas que mais amo, que são minha família e meu noivo. Estar perto de outras empreendedoras, desde as mais iniciantes até as que já alcançaram o sucesso, também me fortalece muito! Saber que não estou sozinha faz toda a diferença!

A terceira é confiar que **tudo o que preciso está dentro de mim!** Eu não nasci com as características de um empreendedor arrojado, mas nada me impediu de despertá-las e desenvolvê-las no decorrer da minha vida. A única coisa capaz de me impedir seria eu mesma.

Pode ser que você acredite ser incapaz de ousar e dar o próximo passo; mas, como Conrado Adolpho diz: *o seu passado não define o seu futuro!* O que define é a quão comprometida você está com seu objetivo. Pode ser que em alguns aspectos você tenha de se dedicar mais do que outras pessoas? Sim! Mas se isso for realmente importante para você, será que não vale a pena?

Lembre-se: tudo o que você precisa está dentro de você!

Espero, de coração, que esses minutos de leitura possam tê-la inspirado a despertar todo o potencial que possui e que a partir de agora sua vida tenha ainda mais vida dentro dela.

Fique com Deus, um beijo grande e *a gente se vê por aí!*

ANA BORGES

Coach Consultora de marketing digital para empreendedores. Jornalista de formação, com uma carreira sólida de repórter e apresentadora na Globo e SBT em Salvador, onde nasci. Mudei-me para o Rio de Janeiro. Casei-me. Enfrentei algumas dificuldades e tive de recomeçar minha vida profissional. Foi nessa hora que a veia empreendedora falou mais alto! Decidi estudar marketing, minha antiga paixão, e abrir minha própria empresa, que leva meu nome. Em apenas dois anos, transformei meu talento em um negócio de consultoria 100% online, atendendo mais de 400 clientes de diferentes segmentos somente nesse período, além de desenvolver cursos presenciais e infoprodutos na área. Meu trabalho, hoje, é voltado para profissionais que desejam construir presença digital e/ou criar um projeto na Internet.



Ana Borges
Marketing & Coaching

Contatos
www.anaborges.com.br
anaborges@anaborges.com.br
Instagram: @anaborgesmarketing
Facebook: anaborgesmkt



EMPREENDER É A POSSIBILIDADE DE SER QUEM VOCÊ QUISER

Sempre que volto ao passado e lembro-me da época de infância, percebo o quanto podemos nos transformar no que realmente quisermos. Quem conhece minha trajetória de apresentadora de rádio, repórter de televisão e hoje consultora de marketing, com forte presença nas redes sociais, professora e até palestrante, poderia apostar alto que me expor e falar em público sempre foram vocação.

Hoje eu entendo que falar em público não é talento nato, nem dom especial. Vejo como habilidade que tive de desenvolver para cumprir aquilo que encaro como missão de vida: incentivar pessoas talentosas para que saiam da zona de conforto e façam aquilo que amam e vivam de forma independente, livre e realizada.

Eu não sei se você já descobriu a sua missão. É ela que faz com que seja quem realmente quiser, do tamanho que quiser. Vença seus medos, encare as dificuldades, tudo pelo que acredita. Quanto maior o porquê, mais fácil o como.

Sempre fui uma menina tímida, calada, de poucos amigos; porém, especiais. Nunca fiz o estilo “líder” da turma. Pelo contrário, se pudesse não aparecer e não ser vista, era até melhor. Não dava trabalho, era boa aluna, cumpria com minhas responsabilidades; mas, nunca fui a melhor. Não tive uma infância marcada nem por puxões de orelha e nem por grandes aplausos. É como se ali fosse uma zona de conforto e tudo funcionava bem.

Estudava numa escola bem pequena, no bairro onde eu morava, em Salvador e isso estava bem alinhado a minha personalidade mais reservada. Nunca gostei de muitas pessoas. Ambientes menores pareciam mais acolhedores.

Uma situação que me recordo foi um trabalho para apresentar, em grupo. Acho que era de ciências, uma das matérias mais chatas para mim. Esse marcou porque tive de apresentar, eu e todos os integrantes do grupo. Aí, não teve jeito. Eu fiz, mas foi horrível. Todos me olhando, julgando e criticando-me. Na verdade, não foi isso que aconteceu, de fato, mas era assim que eu via.

Acho que isso começou a me incomodar; pois, apresentar trabalhos na escola era momento de me expor e fazer algo que me considerava péssima. Eu só me sentia confortável para fazer coisas que eu era capaz; ou, para mostrar ser eficiente aos outros. Caso contrário, preferia escapar.

Como no Jazz. Certa vez, teve um ensaio para uma apresentação em um teatro de Salvador, mas a professora me colocou ao fundo. Ficava na última fila da coreografia. E qual a minha interpretação? Sou a pior! E, claro, não fui para a apresentação. Encarar uma plateia e ficar ao fundo do palco seria ainda mais constrangedor.

A nossa sorte é que sempre passam por nossas vidas pessoas que nos inspiram. Eu entendo que sorte, na verdade, é fazer boas escolhas. E eu escolhi ser amiga de uma garota nova, em minha escola: a Maria. Ela era incrível, popular, amiga e admirada por todos. Ela nem era boa aluna, mas ria de si mesma. Era tudo leve. E nos tornamos grandes amigas.

Acho que foi a partir de nossa amizade que escolhi sair da minha zona de conforto e encarar o novo. Depois de 13 anos na mesma escola, aquela pequena, onde todos já me conheciam, pedi para meus pais para estudar numa escola grande. E minha mãe dizia: “hoje todo mundo conhece a Ana, mas se você for para uma escola grande, será apenas um número”. Isso era assustador, mas eu estava disposta a esse desafio. E fui. De fato, eu era o número 5, da turma A. Mas, muito rapidamente, eu me inseri na escola. Uma amiga do prédio estudava lá e ficou um pouco mais fácil.

Em meu primeiro ano, entrei para o grêmio, fui diretora intercolegial, conhecia muitas pessoas. Incrivelmente, eu não era vista como um número, mas como Ana Borges. Foi uma grande conquista para mim! Orgulhava-me ao perceber como eu havia mudado!

Perto de fazer o último ano de preparação para o vestibular, não tinha ideia do que estudar. E fiz um teste vocacional, na época, e fiquei realmente surpresa com o resultado: serviço social. Parecia tão estranho que eu ignorei o teste completamente. Mas, sabe que agora vejo relação com a minha essência e o que faço hoje? Prestar serviço social é ajudar o outro. Entendo que sendo consultora de marketing digital e coach de empreendedores eu também ajudo, com motivação, apoio e meu conhecimento técnico.

Dentre as profissões mais tradicionais e óbvias, não me animava muito com nada. Fiquei um ano pesquisando as possibilidades. Nesse período, passei um tempo fora do Brasil com minha mãe, quando pude conhecer muitos lugares incríveis no mundo e ler sobre as profissões, como eram as atividades, o mercado, o salário. Por ser excelente em redação e gostar de escrever, pensei em cursar jornalismo. Tive o apoio de minha mãe, pessoa admirável e uma grande intelectual; e de meu

pai, que, na verdade, me apoiaria em qualquer escolha. Prestei, então, vestibular e cursei jornalismo.

Na metade do curso, comecei a fazer estágio e me envolver bastante com a área. Participava de grupos de estudo e pensava em seguir a carreira acadêmica. Meu trabalho de conclusão de curso foi algo inovador: como criar títulos para jornais impresso. Afinal, eu gostava era de escrever, não é? Esse trabalho se tornou material de estudo dos alunos da minha faculdade, o que me deixava muito feliz.

Nunca tive certeza da área escolhida, mas posso dizer que deu certo. Assim que me formei, consegui um emprego na Rádio Metrópole, a maior e mais importante da Bahia. Não havia música, eram apenas programas de notícia e entretenimento, com muita interação com o ouvinte.

Entreí para fazer os textos do site da rádio. Mas, não demorou muito e tudo mudou. O dono da Metrópole, Mário Kertész disse, certa vez, quando faltavam 5 minutos para começar seu programa ao vivo: *you vai comigo*. Pensei que fosse morrer, mas não tive escolha: fui para a sala de transmissão.

Posso dizer que foi um dia difícil. Imagine alguém que não podia apresentar trabalho em sala de aula, ter de fazer um programa de rádio ao vivo? Foi terrível!!! Mário pediu para eu ler algumas notícias e recados dos ouvintes e eu errava tudo. A minha sorte é que eu sabia que, pelo meu desempenho, não voltaria a esse posto.

Engano meu! Mário Kertész sempre fazia isso: ele tirava as pessoas ao seu redor da zona de conforto, mesmo; queria que elas crescessem, se desafiassem. E isso é muito rico. Hoje, vejo que o meu trabalho também é extrair das pessoas o que elas têm de melhor, mostrá-las como são grandes! E, naquela época, não me sentia grande o suficiente para enfrentar tais desafios.

A partir desse dia, fui convocada a integrar o jornal da manhã, ao lado de Mário Kertész, o que, para mim, foi uma das maiores experiências pessoais e profissionais. A Rádio Metrópole foi fundamental na minha história e de tantos outros profissionais, que iniciaram suas carreiras por lá.

Com o tempo e muita dedicação, fui melhorando. Dediquei-me ao aprendizado e ao aprimoramento da minha apresentação. Em casa, treinava, diariamente, o que fazia no trabalho. Lia e gravava minha narração repetidas vezes. Entendi o verdadeiro significado da palavra preparação = preparar a ação. Quanto mais praticava, mais confiança eu ganhava. E eu começava a amar aquele trabalho, de falar e interagir com as pessoas e contribuir, de alguma forma, com elas, seja in-

formando-as ou entretendo-as. E vieram outros programas, também. Chegou a ter momento que eu passava 5 horas ao vivo no ar todos os dias. Nem eu acreditava!

O prazer de estar à frente do microfone foi uma grande descoberta. Quando foi se tornando algo tranquilo de se fazer e eu começava a voltar para a zona de conforto, veio o convite: apresentar um jornal de TV no SBT. E seria algo totalmente novo; pois, eu teria de aparecer. No rádio, era só a voz!

Lembro-me que, nessa época, começava a pensar sobre minha trajetória profissional. Eu realmente gostava e escrevia bem; mas nunca havia trabalhado com jornalismo impresso. Por quê? Eu ouvia muito que escrevia bem e tirava boas notas em redação e português. Às vezes, um adolescente tira boas notas em biologia e alguém fala que ele seria um ótimo médico. Essas frases que ouvimos e repetimos a vida inteira parecem mais sentenças.

E lá fui eu para o novo desafio da TV. Iria acordar às 4h30 e pegar uma hora e meia de estrada para chegar até a emissora. Isso até poderia parecer simples se eu comparasse a ter de conduzir um jornal ao vivo, sem tempo de pensar ou me preparar.

O convite foi numa sexta e o novo jornal começaria na segunda. Fui com muito medo; mas fui! Lembro que no domingo não consegui dormir de ansiedade. A estreia, mais uma vez, foi desconcertante. Minha vontade era ir embora! Após a experiência da rádio, vi que poderia me transformar no que quisesse. Decidi, então, procurar uma fonoaudióloga. Ninguém melhor que um profissional para nos ajudar em determinadas situações. E a Valéria Leal me ensinou muita coisa.

Trabalhar na televisão foi algo que jamais teria imaginado. Adorava estar ali. Atuei como repórter e apresentadora por anos. Comecei no SBT, tive convites da Record e passei um tempo na Rede Globo, também. Na Aratu, afiliada do SBT, fui muito feliz e fiz excelentes amizades. Lá dentro vivi grandes desafios, como apresentar o carnaval de Salvador, ao vivo, durante 6 dias. Não pensava que daria conta dessa tarefa. Ainda bem que sempre alguém perto da gente pensa diferente e nos coloca à frente de situações que somos completamente capazes de resolver. Com alegria e competência!

Apresentar o carnaval de Salvador foi marcante. Eram horas e horas falando. Houve um ano que, ao final do carnaval, fiquei afônica. Permaneci uma semana de repouso vocal. Percebi que a sensação de dever cumprido e o sentimento de que você é realmente do tamanho que quiser não tem preço.

Essa foi uma época maravilhosa. Nesse período, quando fazia outro trabalho, no Rio de Janeiro, como jornalista, conheci Fernando, meu parceiro, amigo e marido. *Nos* conhecemos numa festa de comemoração de uma revista que assinei como editora, naqueles momentos improváveis de conhecer o homem da sua vida! Mas, conheci, graças, também, a minha amiga Aida que nos apresentou.

Nosso relacionamento foi bem difícil. Namorar à distância não é para qualquer um. Só quem já viveu consegue entender. Posso citar aquela frase do início do capítulo: *quanto maior o porquê, mais fácil o como*. Vejo como essa frase cabe em tantos momentos da minha vida. Acredito fortemente nela!

Passamos uns dois anos vivendo todos os status possíveis, de namorados, separados, amigos, inimigos, paqueras, namorados de novo... Sabe quando ninguém ao seu redor acredita em algo? Esqueça! Ouça seu coração. Só ele importa, nesse momento. E foi assim que escolhi morar no Rio de Janeiro. Não gosto de usar a palavra *decisão*, pois ela é sempre carregada de peso. Quando você decide alguma coisa, você tem de dispensar outra. Não desisti de nada; apenas escolhi ser feliz!

Viver na cidade maravilhosa é incrível e, ao lado do grande amor, melhor ainda. Mas, a vida profissional foi abalada por essa grande mudança. Pensei que meu currículo seria suficiente para trabalhar como repórter e apresentadora de TV, também, no Rio. Cheguei a fazer duas entrevistas. Uma delas, na Band, percebi, de forma muito clara, que eu teria de recomeçar: iniciar como repórter nível 1, com o menor salário e, com o tempo, conquistando meu espaço. Na cidade, eu era uma ilustre desconhecida.

Recomeçar não seria problema. Receber um terço do que ganhava, em Salvador, também não. A questão era encarar tudo isso por um trabalho que eu precisaria sacrificar minha vida pessoal; pois, ser repórter, em começo ou recomeço de carreira, significava trabalhar em horários imprevisíveis, além de finais de semana e feriados. Nesse momento, no início da minha vida a dois, em outra cidade, não estava disposta.

Não vi muitas alternativas. Cheguei, até, a fazer alguns trabalhos, atuei em campanha política, mas sem perspectivas. Nessa época, resolvi estudar marketing na Fundação Getúlio Vargas, já que era uma área que gostava bastante. Eu me encontrei no marketing! Estava muito animada com aqueles conhecimentos. Atuei como coordenadora de marketing de uma empresa no Rio, onde fiquei por um ano. E não me sentia realizada naquele lugar.

Acho que foi nessa época que a veia empreendedora começou a aparecer com força total. Anteriormente, criei uma loja virtual de acessórios com a Ticiania, uma grande amiga de São Paulo, mas não foi adiante. Não perdi e nem ganhei dinheiro. O que ganhei, mesmo, foi muito aprendizado! E com ela, também, na época da faculdade, cheguei a tentar levar peças teatrais de São Paulo para Salvador. Ou seja, a veia empreendedora já existia, só não era alimentada!

Voltando à empresa do Rio, comecei a questionar algumas coisas; nem tudo fazia sentido, me via fazendo determinadas tarefas por obrigação, do tipo: porque “tinha que ser assim” ou porque “o chefe mandou”. Percebi que estava trabalhando do jeito de alguém para o sonho de alguém. Queria trabalhar com marketing, mas não daquela forma.

Decidi sair da empresa, sem saber o que faria, mas pensava em atuar com gerenciamento de redes sociais, uma das atividades que já fazia. Para minha alegria, meu chefe topou ser meu cliente. Assim, continuei prestando o serviço para ele e fui buscar novos clientes. Consegui mais dois. Tinha três clientes. Claro que era pouco, mas entendi que dependia de mim e isso parecia algo poderoso.

Foi, então, que abri minha empresa AF. Nesse início, busquei mergulhar no mundo do empreendedorismo e fiz o curso do Sebrae, o Empretec. Recomendo a todos que desejam desenvolver suas habilidades empreendedoras. Além de tudo que aprendi, conheci a Adriane Boueri que, posteriormente, me atendeu como coach e me fez despertar um mundo de possibilidades, inclusive, um dia, me formar em coaching.

Empreender, para mim, foi transformador. Não que seja um mar de rosas! É uma vida de altos e baixos; riscos e medos. É difícil, sim. Porém, muito mais difícil, para mim, é fazer o que não gosta; é se sentir preso e vazio; é trabalhar por um sonho que não é seu. E, mais uma vez, me vem à cabeça a frase: *quanto maior o porquê, mais fácil o como.*

No começo da minha empresa, com poucos clientes e numa cidade onde conhecia não muitas pessoas, tinha dificuldade para pensar em crescimento. Foi aí que comecei a usar as redes sociais para promover o meu trabalho. E vi que aquilo, realmente, funcionava, ainda que estivesse no começo.

Conheci muita gente nas redes sociais. Uma delas foi o Fábio Felipe, consultor e mentor de negócios. O Fábio foi muito importante em minha vida profissional. Naquele momento ele me fez enxergar que eu poderia não só buscar clientes na Internet, mas atender de forma online. E eu comecei a construir minha marca através das redes sociais. Rapidamente, muitas pessoas começaram a se interessar

pelo meu trabalho. E dessa forma desenvolvi a minha consultoria online, que existe desde setembro de 2015.

E o que eu faço? Ensino empreendedores, profissionais liberais e autônomos a construírem uma marca de sucesso na Internet. Amo trabalhar online! É muito bom poder ocupar-se de onde quiser, como quiser, a hora que quiser. É uma liberdade! É gratificante atender pessoas de qualquer lugar do Brasil e do mundo, poder ajudá-las a também transformarem seus negócios através da Internet. O que me deixa mais feliz é ver tantas pessoas que pude impactar! Acredito no trabalho com propósito e, para minha alegria, consigo atrair clientes exatamente assim.

Não tenho tanto tempo fazendo esse trabalho. Mesmo assim, diversas situações já aconteceram! Foi tudo muito rápido, bem ao estilo veloz da Internet. Tornei-me referência em minha área. No entanto, sempre procuro aprender, me capacitar e entregar cada vez mais resultados para meus clientes. Foi aí que apareceu o coaching na minha vida. Percebi que a dificuldade de muitos empreendedores não estava apenas nas ferramentas da Internet ou estratégias nas redes sociais. A grande questão era a autoconfiança para se arriscar, se expor, gravar vídeos, dar seu preço, vender a própria imagem. E como ajudar apenas com o marketing?

Como eu tinha ficado encantada com o processo de coaching há algum tempo, senti a necessidade de aprender sobre esse mundo, ainda novo e desconhecido para alguns. Há quem diga que coaching é um chamado. Pode ser, mesmo! Não foi à toa que *caiu no meu colo* pelas redes sociais uma cliente chamada Jaqueline Salles, mentora de coaches. Ela queria minha ajuda para usar o Instagram e promover sua formação em coaching, em parceria com a Abracoaching. Escolhi, então, fazer parte dessa turma composta por pessoas especiais. Hoje, amigos, parceiros, clientes.

Conhecer a Jaqueline Salles foi uma das coisas mais importantes de 2017. Transformei-me completamente, o que impactou em minha vida pessoal e em meu negócio. Pude virar algumas chaves que ainda estavam travadas. Posso citar duas: uma delas era trabalhar para grupos. Sempre bati pé firme que só gostava de atender pessoas de forma individual, fazia mais meu estilo; afinal, “não gosto de muita gente”. Claro que gosto! Isso era só uma crença que estava lá atrás, quando era aquela menina da escola pequena. Hoje, presto a consultoria para grupos cada vez maiores. Vejo que quanto mais pessoas contribuo, mais cumpro minha missão.

A outra e mais complicada, já que a Internet é uma zona de conforto para mim, era participar de eventos presenciais e ministrar palestras. Alguém pode dizer: “como assim? Você trabalhou em rádio e TV!” Verdade! Mas, para mim, era

bem diferente. No rádio ou na TV ou até em transmissões, ao vivo, pelo Instagram, por exemplo, não vejo o outro, a reação, a crítica, o julgamento. O que me apavorava em palestras era a plateia. Acho que me lembrava da época da escola. Fugia de eventos. Recusei convites, sempre dava alguma desculpa.

Foi num curso para ser palestrante - também fiz com a Jaqueline -, que tudo mudou. Certa vez, numa dinâmica, deveríamos compartilhar com o colega quais as expectativas do curso. Respondi que não tinha qualquer expectativa, pois não queria ser palestrante. Estava ali, apenas, porque o curso era um bônus de outro que eu havia comprado. O colega Jair me disse: por que você não encara esse bônus como um presente? E ali eu aceitei, de coração aberto, o presente. Vejo que poder falar para muitas pessoas é, de fato, um presente e tem tudo a ver com a minha missão.

Não acredito em coincidência. No sábado do curso, recebi o contato de uma pessoa que faria um grande evento em Nova Iguaçu e me convidou para palestrar. Recusei, dizendo que era longe. Compartilhei a situação no curso e a própria Jaqueline me disse que eu deveria ir, nem que fosse pela experiência de praticar o que estava aprendendo ali. Dia seguinte, respondi ao dono do evento que eu gostaria de ir.

Estava disposta a dar o meu melhor, entendendo que se uma pessoa da plateia não prestasse atenção, mexesse no celular ou dormisse enquanto eu falava, alguns dos meus medos não significava que não tinha gostado de mim. Talvez só estivesse cansada, mesmo. Caso ela não gostasse do meu conteúdo ou de mim, estava tudo bem, também. Hoje, entendo que a crítica do outro é problema do outro e não meu. Isso liberta!

O mais incrível é que no curso para trainers fizemos uma palestra real para o grupo com um pitch de vendas, ao final. E o grupo se interessou, de verdade, pelo que ofereci. Eu me senti muito poderosa! Após o curso, divulguei em minhas redes sociais sobre esse evento que eu participaria. Três dias depois fui convidada para palestrar em outro evento ainda maior. De lá para cá, tenho ministrado de uma a duas palestras por mês. Ah, e criei um evento presencial, também, o *Sua Marca é Você*, com a Fabiana Freitas. E ele só está no começo!

E sabe o que aprendi com tudo isso? Que quando a gente muda, tudo muda ao redor. Empreender é isso. É mudar, é transformar-se para transformar o mundo.